

O PAPEL DA LIDERANÇA NA DETECCÃO, PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO DE PASTORES

THE ROLE OF LEADERSHIP IN THE DETECTION, PREVENTION, AND
POSTVENTION OF PASTOR SUICIDE

EL PAPEL DEL LIDERAZGO EN LA DETECCIÓN, PREVENCIÓN Y
POSTVENCIÓN DEL SUICIDIO DE PASTORES

RESUMO

Este estudo investigou a problemática do suicídio no pastorado, objetivando propor uma reavaliação da práxis e da teologia do cuidado pastoral. O procedimento metodológico adotado foi a revisão de literatura, que estabeleceu um diálogo entre a Teologia Prática e outras áreas, como a sociologia e a psicologia. A análise foi fundamentada em referenciais como Han (2015), para a compreensão da “sociedade do cansaço”; Durkheim (2000), na análise do suicídio como fato social; e Shneidman, na conceituação da posvenção. O artigo foi estruturado em duas partes: a primeira diagnosticou os fatores de risco que conduzem ao esgotamento mental e à ideação suicida, como o isolamento, a síndrome de autossuficiência e o burnout. A segunda seção delineou os pilares para uma nova práxis de cuidado comunitário, ressaltando a posvenção como uma responsabilidade eclesial. A pesquisa concluiu que o suicídio pastoral é a manifestação de uma crise profunda na práxis ministerial contemporânea, fomentada por uma cultura que projeta no pastor um ideal de “super-herói” infalível, contribuindo para seu adoecimento silencioso. As conclusões apontaram para a necessidade urgente de a Igreja desconstruir o paradigma do líder solitário e autossuficiente, reconhecendo sua humanidade e vulnerabilidade para, assim, articular uma nova práxis comunitária, na qual “cuidar de quem cuida” se torne um imperativo teológico.

Palavras-chave: Suicídio de pastores; Saúde mental; Prevenção; Posvenção.

¹ Mestrando em Teologia pela FABAPAR, Pós graduado em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR, Pós graduado em Programação Neurolinguística pela FAVENI, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana, Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade FAEF, endereço de e-mail: celsoricardopereiraferreira@hotmail.com; <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-5082-0785>

INTRODUÇÃO

O ministério pastoral, historicamente percebido como fonte de amparo e cuidado para a comunidade, enfrenta um paradoxo alarmante e crescente: o adoecimento silencioso de seus próprios líderes. Este artigo investiga a complexa e delicada temática do suicídio entre pastores, fenômeno que sinaliza uma crise profunda na práxis ministerial contemporânea. A urgência desta pesquisa reside na necessidade de desmistificar um assunto cercado por estigmas no contexto cristão, que por muito tempo negligenciou a saúde mental de sua liderança ao promover o ideal de um pastor como um “super-herói” infalível e autossuficiente.

Partindo da questão central — “Como a liderança e a comunidade podem atuar na detecção, prevenção e posvenção do suicídio pastoral?” — este estudo propõe uma reavaliação fundamental da teologia e da prática do cuidado. Argumenta-se que fatores como o isolamento, a síndrome de burnout e a cultura de performance não constituem falhas individuais, mas sintomas de um modelo eclesiástico disfuncional, influenciado pelas dinâmicas da “sociedade do cansaço”.

Para desenvolver essa análise, o trabalho estrutura-se em duas seções principais, utilizando a revisão de literatura como procedimento metodológico e estabelecendo um diálogo entre a Teologia Prática e áreas como a sociologia e a psicologia. A primeira parte realiza um diagnóstico das pressões que levam ao esgotamento mental, desconstruindo o ideal do líder solitário à luz de referenciais bíblicos que legitimam a vulnerabilidade. A segunda parte, por sua vez, delinea os pilares para uma nova práxis de cuidado comunitário, articulando tanto a prevenção quanto a posvenção — o cuidado aos enlutados — como responsabilidade eclesial inegociável. O objetivo final é fomentar uma transformação na cultura da Igreja, substituindo o paradigma do heroísmo individual pelo imperativo teológico de uma comunidade que aprende a “cuidar de quem cuida”.

1. O PASTORADO E O ESGOTAMENTO MENTAL

A vida ministerial, embora vocacional, insere os pastores em um contexto de intensas pressões e vulnerabilidades. A sociedade contemporânea, descrita por Han (2015) como a “sociedade do cansaço”, é marcada por enfermidades neuronais, como a depressão e a síndrome de burnout (SB), das quais os pastores não estão imunes. Pelo contrário, o acúmulo de situações estressantes, a obrigação de cuidar de comunidades doentes e a dificuldade em impor limites os tornam alvos fáceis do esgotamento físico, psíquico e emocional.

Em sua análise, Han (2015, p. 7, 30, 71) argumenta que a sociedade do cansaço, sob a égide da positividade, engendra características profundamente negativas. A violência que a define não é externa, mas uma “violência neuronal” imanente ao sistema, proveniente do excesso de desempenho e comunicação. Essa dinâmica gera patologias como a depressão e a síndrome de burnout, vistas não como infecções, mas como infartos psíquicos do sujeito de desempenho. A liberdade, nesse modelo, é paradoxal, pois se converte em uma coerção para maximizar a performance, levando o indivíduo a uma auto exploração na qual ele é, simultaneamente, agressor e vítima. O resultado é um cansaço que isola e individualiza, uma fadiga que destrói o senso de comunidade, substitui a atenção profunda pela hiperatenção e suprime a capacidade de dizer “não” em prol de uma atividade incessante.

Essa vulnerabilidade é frequentemente potencializada por uma cultura eclesiástica que nega o sofrimento de seus líderes. Conforme aponta Eswine (2015) sobre a vida do pregador Charles Spurgeon, que admitia sofrer com terríveis depressões, a ideia de que a angústia profunda não é “coisa de crente” não se sustenta diante das evidências bíblicas e histó-

ricas. A dor é uma realidade para todos, inclusive para aquele que tenta amenizar as dores alheias enquanto convive com as suas.

No sermão “A Exaltação de Cristo”, encontramos o seguinte trecho atribuído ao pregador britânico:

Quase lamento ter me arriscado a ocupar esse púlpito nesta manhã, porque me sinto extremamente incapaz de pregar para benefício de vocês. Eu tinha pensado que a quietude e o repouso das duas últimas semanas tivessem afastado os efeitos daquela terrível catástrofe; mas ao voltar ao mesmo lugar e, mais especificamente, de pé aqui para lhes dirigir a palavra, sinto algo daquelas mesmas emoções dolorosas que por pouco não me abateram antes. (Spurgeon, 1856, p. 1)

A crise de saúde mental no pastorado é indissociável de um ethos cultural de performance que adentrou a vida eclesiástica. A lógica da autosuperação, popularizada por ferramentas de desenvolvimento pessoal, propõe que a solução para o sofrimento se encontra na força interior do indivíduo. Tal premissa, no entanto, torna-se paradoxal quando o caos está instalado precisamente no interior, questionando a validade de um modelo ministerial que espelha essa mesma autossuficiência.

Esse paradigma tem consequências diretas para a vitalidade da Igreja. Um pastor em sofrimento, ou “ferido”, tem sua capacidade de nutrir espiritualmente a comunidade severamente comprometida. Portanto, a saúde do líder não é uma questão privada, mas um pressuposto para a saúde da própria Igreja e de sua relevância social. É nesse contexto que a síndrome de burnout se manifesta como um sintoma agudo, resultante do acúmulo de situações estressantes, do excesso de trabalho e da incapacidade de impor limites, gerando um colapso psicoemocional silencioso e devastador.

Os pastores não apenas estão vulneráveis a essas dinâmicas, como também enfrentam pressões exclusivas de sua vocação. Muitas vezes, uma teologia sacrificialista distorcida os impele a negligenciar o autocuidado

para apascentar comunidades adoecidas, somando-se a inseguranças financeiras ou ao medo de serem percebidos como infiéis ao seu chamado divino.

Tragicamente, a resposta a esse acúmulo de pressões não tem sido a busca por comunidade, mas o isolamento. Em um modelo que não admite fraquezas, e onde experiências de traição são comuns, o líder se enclausura como mecanismo de autoproteção, concluindo que não é seguro confiar em ninguém. Esse isolamento é o resultado lógico de uma práxis ministerial que exalta a invulnerabilidade e contradiz a essência do cuidado mútuo.

O crescente número de suicídios entre líderes eclesiásticos tem se tornado um fenômeno preocupante, impulsionado por uma complexa combinação de fatores. Segundo Souza (2021, p. 9), a depressão, o esgotamento profissional e a solidão são elementos centrais que afligem essa população, podendo conduzi-la a atitudes extremas. A gravidade da situação foi evidenciada por sete casos de suicídio no Brasil que ganharam notoriedade na mídia. Dentre esses, o autor destaca um período alarmante em 2017, quando, no intervalo de apenas 15 dias, ocorreram as mortes de três padres, dois pastores das Assembleias de Deus, um pastor da Igreja Presbiteriana e uma pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular, ilustrando que o problema perpassa distintas vertentes do cristianismo (Souza, 2021, p. 9).

1.1 O ISOLAMENTO E A SÍNDROME DE AUTOSSUFICIÊNCIA

Um dos fatores mais críticos que conduzem ao adoecimento pastoral é o isolamento. A esse respeito, Santos (2019) destaca que a solidão, embora comum a toda posição de liderança, intensifica-se no pastorado. O autor argumenta que a insegurança e o medo de julgamentos impedem o pastor de compartilhar suas dores, o que o leva a um perigoso enclausuramento emocional.

Toda posição de liderança é solitária. No caso do pastorado, essa solidão parece ser mais intensa, pois seus colegas estão sempre ocupados no cuidado com suas próprias ovelhas. Além do mais, o pastor geralmente não se sente seguro em compartilhar a dor do seu coração com outros, pois o julgamento nem sempre será gracioso. Com isso, ele se fecha e internaliza seus problemas sem conseguir processá-los corretamente. (Santos, 2019)

Esse processo de isolamento e internalização de problemas, como descrito por Santos (2019), cria um ambiente de intensa dor psicológica. Quando esse sofrimento não é expresso ou acolhido, torna-se um fator de risco determinante que pode levar à ideação e ao comportamento suicida. Para dimensionar a gravidade dessa questão no contexto ministerial, é fundamental compreender primeiro o suicídio como um fenômeno mais amplo, reconhecido pela saúde pública global como um grave problema que transcende grupos específicos.

O suicídio é compreendido como um ato intencional de pôr fim à própria vida e configura uma das principais causas de mortalidade no cenário global. Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde, mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano, com maior incidência em países de baixa e média renda. No contexto português, observa-se um perfil predominante marcado por homens acima dos 50 anos, desempre-

gados ou aposentados, pertencentes a estratos socioeconômicos mais baixos, frequentemente isolados socialmente e com histórico de transtornos psiquiátricos (Luís, 2016).

Segundo a autora, em uma investigação realizada com 218 adultos da comunidade, com idades entre 18 e 65 anos, submetidos a questionários aplicados em dois momentos distintos, com intervalo de três meses, verificou-se que a dor psicológica constitui um fator preditor significativo da ideação suicida, mesmo entre indivíduos considerados de baixo risco. Esse achado reforça a centralidade da dor psicológica na compreensão do comportamento suicida e evidencia sua importância para estratégias de prevenção (Luís, 2016).

A constatação de que a dor psicológica é um fator determinante para a ideação suicida evidencia que o sofrimento interno, quando não expresso ou acolhido, pode tornar-se um risco significativo para a saúde mental. Embora essa realidade se manifeste na população geral, ela assume contornos ainda mais preocupantes no contexto ministerial, onde a solidão e o silêncio em torno das fragilidades pessoais são intensificados.

No pastorado, essa experiência de solidão tende a ser ainda mais profunda. Muitos pastores não se sentem seguros para compartilhar suas dores e conflitos íntimos, temendo julgamentos, incompreensões ou mesmo traições. Como consequência, acabam internalizando suas angústias, alimentando um processo de enclausuramento emocional. Esse quadro é agravado pela mentalidade de autossuficiência alimentada por certos modelos eclesiásticos, nos quais o líder se vê obrigado a sustentar a imagem de um “superpastor”. Nesse sentido, Rinne descreve que:

O “superpastor” faz tudo isso. Ele participa da maioria das reuniões do comitê, lidera vários estudos bíblicos, analisa a maioria das decisões, atua como líder denominacional, edita todas as publicações da igreja e verifica constantemente seu smartphone em busca de mensagens, e-mails e telefonemas sobre coisas da igreja. Ele trabalha um pouco no seu dia de folga e nunca usa todas as suas férias. Ministério é sua paixão,

196

seu hobby, sua identidade, sua vida. Superpastores obtêm sua super-força para o seu movimento perpétuo de diferentes fontes. Alguns são alimentados pelo desejo de agradar as pessoas. Outros são incontrolavelmente impelidos por sucesso e significado, de modo que mantêm blogs, lançam ministérios e catalisam movimentos. Ministério é a sua máxima. Outros tipos de superpastores também existem. Existem superpastores superespirituais que são tão radicalmente devotados a Deus e que veem fazer qualquer coisa fora do ministério como um esgotamento. Da mesma forma, os superpastores perfeccionistas se esforçam, e todos ao seu redor, a buscar padrões quase inatingíveis em nome de “dar o melhor ao Senhor”. E não se esqueça dos superpastores salvadores, que sentem uma obrigação esmagadora de resolver os problemas de todos. e atender às necessidades de todos. Embora os superpastores voem alto, eles geralmente quebram – porque nenhum de nós pode fazer tudo. Nenhum de nós pode manter todos felizes. Nenhum de nós pode consertar tudo. Eventualmente, algo dá errado, e o herói se esgota. E, infelizmente, muitas vezes é a família do superpastor que paga o maior preço. (Rinne, 2020)

Essa busca por um padrão inatingível — seja movida pelo perfeccionismo, pelo desejo de agradar ou pela necessidade de se sentir indispensável — conduz inevitavelmente ao esgotamento e afeta, de modo particular, a família do pastor.

A compreensão desse fenômeno exige uma análise que ultrapasse o âmbito estritamente teológico ou individual. Conforme elucida Durkheim, o suicídio é um fenômeno multifatorial, influenciado não apenas por estados psicológicos, mas também por estruturas sociais complexas. Sua sociologia reforça, portanto, a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para a compreensão da crise que atinge o pastorado (Durkheim, 2000, p. 68, 100, 101).

Durkheim (2000, p. 177, 205, 270, 300) analisa o suicídio como um fato social, compreendendo-o não apenas como resultado de escolhas individuais, mas como expressão dos níveis de integração e regulação pre-

sententes na sociedade. Em sua obra, o autor identifica quatro formas principais: o suicídio egoísta, relacionado à fraca integração e ao isolamento; o altruísta, decorrente da integração excessiva, na qual o indivíduo se sacrifica em favor do grupo; o anônimo, associado à falta de regulação em contextos de crise ou mudanças abruptas; e o fatalista, provocado por uma regulação rígida e opressiva. Sua contribuição fundamental consiste em demonstrar que o suicídio não pode ser explicado apenas pela dor individual, mas também pelas condições sociais que moldam a experiência do sujeito.

A leitura sociológica do suicídio em Durkheim evidencia que esse fenômeno não pode ser dissociado das dinâmicas sociais que moldam a vida em comunidade. Tal compreensão amplia o olhar da Igreja, que não deve enxergar o suicídio apenas como uma dor individual ou espiritual, mas como resultado de múltiplas pressões sociais que afetam diretamente seus membros. Essa perspectiva abre caminho para que a Teologia Prática reconheça a complexidade do problema e responda de forma integral, indo além das ações de prevenção e assumindo também a responsabilidade pela posvenção.

Diante disso, uma teologia prática responsável deve contemplar não apenas as estratégias de prevenção. É preciso encarar a realidade de que, em alguns casos, a prevenção pode não ser suficiente. Visto que a Igreja é um organismo inserido no tecido social, ela deve estar preparada para a posvenção — o cuidado pastoral e comunitário oferecido aos enlutados após a concretização de um suicídio, assumindo sua responsabilidade eclesial diante de tal tragédia.

Dessa forma, percebe-se que a atuação pastoral não deve restringir-se a intervenções pontuais, mas configurar-se como um processo contínuo que articule, de modo equilibrado, ações preventivas e posventivas. Ao reconhecer o suicídio como um fenômeno que atravessa o tecido social e repercute diretamente na vida comunitária, a Igreja é instada a reavaliar criticamente sua práxis ministerial, estruturando estratégias de cuidado

integral que contemplem tanto a atenção aos indivíduos em situação de risco quanto o acompanhamento dos enlutados após a ocorrência do suicídio. Essa compreensão é fortalecida pela contribuição de Shneidman, ao afirmar que “a dor psicológica (i.e. psychache) é o fator desenca-deante para o suicídio e que este não ocorre sem que esta variável esteja presente, independentemente da presença de outras variáveis de risco, nomeadamente psicopatológicas ou distress” (Luís, 2016, p. 11).

2. UMA PROPOSTA DE CUIDADO: PREVENÇÃO E POSVENÇÃO

Diante do sofrimento pastoral, a resposta não pode se limitar à criação de mecanismos de suporte. É necessária uma reavaliação profunda tanto da teologia do cuidado quanto da prática ministerial. A prevenção ao suicídio nesse contexto exige uma transformação cultural que questione os modelos de liderança focados em performance e autossuficiência, promovendo, em vez disso, uma visão de igreja que acolha a plena humana-dade e a vulnerabilidade de seus pastores.

Nesse sentido, a Igreja, como comunidade integrada à sociedade, é convocada a repensar sua teologia do cuidado e sua prática ministerial para ir além dos ideais de liderança baseados em desempenho e autossuficiência. O desafio é desenvolver uma cultura eclesial que não apenas reconheça a vulnerabilidade humana, mas que também valide a dor do luto e crie espaços seguros de acolhimento e solidariedade. Para isso, é fundamental articular ações preventivas e de posvenção de forma integrada e transformadora.

Portanto, a proposta central deste trabalho não é oferecer um manual de regras, mas sim articular uma teologia pastoral renovada. O objetivo é estabelecer as bases para uma nova prática de cuidado que comece pelo reconhecimento de que o pastor é um ser humano integral, também

necessitado de aconselhamento e apoio comunitário. Busca-se, assim, gerar uma dinâmica na Igreja que incentive o compartilhamento de fardos, partindo do princípio de que, embora as pessoas necessitem de Deus, elas igualmente precisam umas das outras para trilhar uma jornada saudável.

2.1 PILARES PARA UMA NOVA PRÁXIS DE CUIDADO

Para que essa nova prática de cuidado se torne realidade, superando o antigo paradigma do líder auto suficiente, é preciso ir além da crítica teológica e construir intencionalmente uma cultura de cuidado comunitário. A efetivação de uma eclesiologia que acolhe a vulnerabilidade do pastor depende de passos concretos que estruturem essa mudança. Assim, a transição de um modelo ministerial focado na performance para um de cuidado mútuo se apoia em fundamentos práticos e progressivos — aqui chamados de pilares — que buscam reconfigurar as relações ministeriais com base na confiança, na reciprocidade e no compartilhamento de fardos.

A reavaliação da teologia do cuidado pastoral se materializa em uma nova práxis, articulada a partir de pilares progressivos. O objetivo é fomentar um ambiente de confiança e abertura que se aprofunda gradualmente, partindo do reconhecimento mútuo para chegar à cura compartilhada. Essa nova abordagem se estrutura em torno dos seguintes eixos fundamentais:

- Comunidade e consciência dos desafios: O ponto de partida é a construção de laços através do compartilhamento de vivências pessoais e da discussão sobre os desafios contemporâneos do ministério.

- Identidade teológica em vez de função: Propõe-se uma reflexão crítica para que o pastor dissocie sua identidade de sua função ministerial. A redescoberta de “quem eu sou” (cristão) antes de “o que eu faço” (pastoreio) é um passo fundamental para a saúde mental, ancorado na compreensão do chamado bíblico.
- A reciprocidade do cuidado: Rompendo com o paradigma do líder autossuficiente, este eixo estabelece a necessidade de se criar espaços seguros onde o pastor possa expor suas próprias aflições (“O que te aflige?”) para ser cuidado e ministrado por seus pares.
- A dinâmica da cura multiplicadora: O processo culmina na promoção do compartilhamento, da oração mútua e do discipulado como caminhos para a restauração. O objetivo é que pastores curados se tornem agentes de cura para outros colegas, criando um ciclo virtuoso de cuidado.

A compreensão do suicídio como um fenômeno multifatorial, influenciado tanto por dinâmicas sociais de integração quanto por uma dor psicológica insuportável, alarga o escopo da análise para além da esfera puramente individual. Essa perspectiva sociológica, que aponta para as falhas de regulação no tecido social, encontra um eco direto no ambiente eclesiástico contemporâneo. Para além do isolamento e da síndrome de autossuficiência já discutidos, outro fator social determinante para o esgotamento pastoral emerge: a internalização de uma cultura de performance, que impõe ao líder a pressão por modelos de sucesso muitas vezes inatingíveis.

2.2 CONTRAPONTOS BÍBLICOS AO ISOLAMENTO E À AUTOSSUFICIÊNCIA

A síndrome do “superpastor” e o consequente isolamento que adoece a liderança eclesiástica contrastam frontalmente com os modelos e princípios apresentados nas Escrituras. Uma análise bíblico-teológica revela que a vulnerabilidade, o esgotamento e a necessidade de interdependência não são anomalias, mas aspectos constitutivos da condição humana — inclusive na vida de líderes proeminentes. A própria narrativa bíblica oferece um contraponto contundente ao ideal contemporâneo de autossuficiência, ao fundamentar a necessidade de uma cultura de cuidado mútuo no seio da comunidade de fé.

A idealização do líder inabalável é desconstruída pelas histórias de homens e mulheres cujas fragilidades são expostas sem reservas. Moisés, por exemplo, admite profundo esgotamento ao reconhecer que o fardo de liderar o povo era pesado demais para carregar sozinho (Nm 11.14–15). De maneira semelhante, o profeta Elias, após uma vitória espiritual extraordinária, experimenta um colapso emocional que o conduz à exaustão e ao desejo de morte, em meio ao sentimento de completa solidão (1Rs 19.4). Até mesmo Jesus, no Getsêmani, buscou o suporte dos seus discípulos na hora de maior angústia, revelando a legitimidade humana de necessitar de companhia e apoio (Mt 26.38). Esses relatos legitimam a dor e o cansaço do líder, contrariando a pressuposição de que tais sentimentos seriam sintomas de imaturidade ou fraqueza espiritual.

Além dessas narrativas, a teologia bíblica estabelece princípios que refutam diretamente o paradigma da autossuficiência. O conselho de Jetro a Moisés — delegar tarefas para não se consumir no exercício solitário da liderança — emerge como um modelo de gestão ministerial saudável, consciente dos limites humanos (Êx 18.17–18). No Novo Testamento, esse princípio é aprofundado com o mandamento explícito para que os membros da comunidade levem “as cargas uns dos outros” (Gl 6.2). A

metáfora da Igreja como Corpo de Cristo, no qual cada membro depende do outro e os mais “fracos” são indispensáveis (1Co 12.21–26), apresenta a antítese teológica ao mito do “superpastor”. Ademais, a valorização da fraqueza como o espaço onde o poder de Deus se manifesta (2Co 12.9–10) transforma a vulnerabilidade não em uma falha a ser ocultada, mas em um fundamento para um ministério autêntico e enraizado na graça.

Essa exortação bíblica para levarmos “as cargas uns dos outros” e acolhermos a vulnerabilidade como parte essencial da vida comunitária ganha urgência quando nos deparamos com a dor avassaladora do suicídio. Nesse contexto, os princípios de interdependência e suporte mútuo deixam de ser apenas convicções teológicas e tornam-se uma resposta prática, concreta e indispensável diante da crise. A fragilidade humana, antes reconhecida como elemento constitutivo de um ministério saudável, manifesta-se de forma extrema na experiência dos enlutados, que necessitam de cuidado específico para processar o trauma, reorganizar a vida e reencontrar o sentido da esperança. É nesse cenário que a compreensão e a prática da posvenção se tornam fundamentais para a missão pastoral.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA POSVENÇÃO

A posvenção, conceito introduzido por Edwin Shneidman em 1973, refere-se às intervenções e estratégias de suporte direcionadas aos chamados “sobreviventes enlutados”, isto é, pessoas profundamente impactadas por uma morte por suicídio. Seu objetivo central é mitigar as sequelas traumáticas, oferecer apoio emocional, social e informacional, e auxiliar esses indivíduos na reorganização de suas vidas após a perda. Considerada também uma forma de prevenção, a posvenção assume relevância incontornável, uma vez que a exposição ao suicídio é reconhecida como fator de risco capaz de intensificar ou mesmo desencadear novos comportamentos suicidas (Lopes; Santos; Magalhães, 2025).

Uma teologia prática do cuidado, contudo, precisa ir além das ações preventivas e contemplar a realidade concreta do luto quando o suicídio se consuma. Nesse cenário, a posvenção emerge como uma responsabilidade eclesial inegociável, configurando-se como o cuidado específico e contínuo dedicado aos enlutados — os chamados sobreviventes. A urgência dessa prática decorre do amplo alcance da tragédia, que reverbera por toda a comunidade e afeta um círculo significativo de familiares, amigos e membros da igreja, exigindo acompanhamento sensível, qualificado e persistente.

Conforme apontam Ruckert, Frizzo e Rigoli (2019), a posvenção constitui-se como estratégia essencial para auxiliar na resolução do luto de familiares e amigos, desencorajando o surgimento de ideações ou planejamentos suicidas entre esse grupo vulnerável. Sua importância também reside no fato de servir como instrumento preventivo, pois, ao promover espaços de escuta, acolhimento e informação, contribui para fortalecer a saúde mental dos enlutados e facilitar uma compreensão mais serena e integrada do ocorrido. Os autores ainda destacam a necessidade de desenvolver novos estudos e materiais sobre o tema no contexto brasileiro, a fim de oferecer orientações mais robustas tanto aos sobreviventes quanto aos profissionais envolvidos no manejo das diversas repercussões da morte por suicídio — sobretudo diante da incipiente das diretrizes nacionais relacionadas à posvenção.

Desse modo, a práxis de cuidado aqui proposta articula princípios para a intervenção pastoral em situações traumáticas, visando oferecer não apenas apoio e acolhimento, mas também um caminho seguro para a superação do ciclo de dor e do silêncio estigmatizante. Trata-se de um compromisso comunitário cuja finalidade é restaurar, acompanhar e promover esperança, transformando a fragilidade extrema do luto em ocasião de graça e reconstrução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta reflexão, conclui-se que o suicídio pastoral constitui a manifestação mais trágica de uma crise profunda na práxis ministerial contemporânea — uma crise que a Igreja já não pode ignorar. Fatores como isolamento, pressão por desempenho, síndrome de autossuficiência e esgotamento mental revelam uma cultura eclesiástica que projeta sobre o pastor um ideal de “super-herói” infalível, contribuindo para um processo silencioso de adoecimento e exaustão existencial.

Dessa forma, a resposta necessária ultrapassa a elaboração de ferramentas práticas e exige uma reavaliação integral da teologia do cuidado pastoral, articulada com a construção de uma nova práxis comunitária. Tal reavaliação implica a desconstrução dos paradigmas de invulnerabilidade, favorecendo o estabelecimento de redes de apoio nas quais o compartilhamento de fragilidades seja compreendido como expressão de comunhão e não como sinal de fraqueza. Nessa perspectiva, “cuidar de quem cuida” deixa de ser uma estratégia de gestão para assumir o caráter de imperativo teológico, sustentado pelo amor mútuo e pela responsabilidade comunitária.

A saúde da liderança pastoral está intrinsecamente vinculada à vitalidade da Igreja como corpo de Cristo. Investir no cuidado integral dos pastores, portanto, significa investir na fidelidade da própria comunidade à sua vocação, promovendo um ambiente onde a graça, a verdade e a vulnerabilidade possam coexistir como fundamentos de uma vida eclesial mais humana, saudável e coerente com o Evangelho.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: estudo de sociologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESWINE, Zack. **A depressão de Spurgeon: esperança realista em meio à angústia.** Tradução de Gilson Santos. São José dos Campos: Fiel, 2015.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do cansaço: A violência neuronal.** Petrópolis: Vozes, 2015.

LOPES, I. C.; SANTOS, J. P. A. D.; MAGALHÃES, K. S. **Mas, afinal, o que é posvenção?:** desmistificando o tema do suicídio no ambiente universitário. *Revista da SBPH*, v. 28, e002, 2025.

LUÍS, Maria Margarida Candeias Gomes. **Dor psicológica e risco suicidário: um estudo longitudinal com indivíduos da comunidade.** 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade de Évora, Évora, 2016

PECULIARIDADES do luto das famílias. Sociedade Portuguesa de Suicidologia, [s.d.]. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000200007. Acesso em: 16 set. 2025.

RINNE, Jeramie. **Uma taxonomia de pastores em risco.** Ministério Fiel, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/uma-taxonomia-de-pastores-em-risco/>. Acesso em: 7 mar. 2020.

RUCKERT, M. L. T.; FRIZZO, R. P.; RIGOLI, M. M. **Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil.** *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 15, n. 2, p. 85-91, 2019.

SANTOS, Valdeci. Possíveis causas de depressão entre Pastores.
Igreja Presbiteriana do Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/index.php/informativo/possiveis-causas-de-depressao-entre-pastores-4254>. Acesso em: 29 out. 2019.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SUICIDOLOGIA. Suicídio: de Durkheim a Shneidman, do determinismo social à dor psicológica individual. Sociedade Portuguesa de Suicidologia, [s.d.]. Disponível em: <https://www.spsuicidologia.com/generalidades/biblioteca/artigos-cientificos/82-suicidio-de-durkheim-a-shneidman-do-determinismo-social-a-dor-psicologica-individual>. Acesso em: 16 set. 2025.

SOUSA, Otavio Aparecido de. Esgotamento na carreira ministerial: o suicídio de líderes eclesiásticos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, 2021.

SPURGEON, Charles. Joy and Peace in Believing. **Metropolitan Tabernacle Pulpit** (MTP), v. 12, Sermão 692, 1856. Disponível em: <http://www.spurgeongems.org/vols10-12/chs692.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2013.